

Bovespa quer aperfeiçoar

Rio — «Sem sombra de dúvida, foi um sucesso o leilão realizado ontem na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, para deságio da dívida externa já vencida». Está é a opinião do presidente da Bovespa — Bolsa de Valores de São Paulo, Eduardo da Rocha Azevedo, que considerou o leilão um êxito também em termos de um plano maior traduzido pela aproximação dos credores internacionais através do sistema de conversão da dívida.

Sempre de acordo com a Bolsa do Rio, com quem elaborou o modelo operacional do leilão, a Bolsa de São Paulo poderá aprimorar o processo, agilizando seu funcionamento até em função do tempo, a partir da experiência carioca. Para um melhor funcionamento do sistema, Eduardo Azevedo defendeu a necessidade de uma menor intervenção do Governo Federal nos sistemas capitalista e privado que são as bolsas, responsáveis pelo modelo operacional. «Apesar de as bolsas brasileiras não terem experiência em leilão de conversão, elas já carregam experiência de al-

guns anos em leilão de ações, cujo modelo é mais ou menos o mesmo», disse ele.

Entre as vantagens que o presidente da Bovespa vê nesse tipo de leilão, a primeira corresponde à transparência que «demonstra que a conversão no Brasil não é cartório». Porque seu medo, conforme confessou, «era de que tivéssemos, no País, um processo de conversão onde viesse a ser institucionalizado o cartão, como foi feito em tempos passados».

Para o credor, Eduardo da Rocha Azevedo definiu que a maior vantagem do leilão é fazer com que os recursos que estão presos no Banco Central, que ele chamou de «recursos do cano», ou que não foram pagos, venham a ser investidos na iniciativa privada, fazendo com que as empresas tenham aporte de capital e, com isso, possam crescer e gerar empregos. Com a administração, pela iniciativa privada, da «dívida do cano», da época da moratória, o presidente da Bovespa acredita que o País ganha porque reduz o tamanho da dívida externa.